

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. o n.º	N.º à entrega	34.º Anno — XXXIV Volume — N.º 1161	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	650	120	30 de Março de 1911	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		



SUA EX.ª O MINISTRO DAS FINANÇAS, JOSÉ RELVAS, NO SEU GABINETE

(Cliché A. Lima)

CRÓNICA OCCIDENTAL

Lisboa está na posse momentanea de uma grande celebridade européa Ivette Guilbert.

Mas quem é Ivette?

Simplemente isto: uma cançonetista de café-concerto.

Do que sejam cafés-concertos não se póde fazer idéa por aquillo que tem sido em Lisboa um ou outro estabelecimento d'esse nome, todos elles muito longe do que costumam ser instituições de tal ordem. Lembro-me, por exemplo, de um que ha tempos houve no rez-do chão do Theatro da Rua dos Condes, antes de transformado na elegante bonbonniere que ali teve ha annos D. Lucinda Simões. Era esse café um apreciavel recinto de bem-estar, de conforto, de paz d'alma, destinado a encher as medidas da nossa satisfação. Havia chá e havia torradas; fumava-se e tomava-se rapé; conversava-se, discutia-se, ria-se a meia voz, mas ninguem ousaria acompanhar da sua cadeira os ritornellos que se cantavam no palco. E no palco cantava, ao piano, com certo fiosinho de voz que não faria má figura nos concertos da Academia dos Amadores de Musica, uma conhecida Madame Crosa, se bem me lem-

bro, que era a propria directora do café, como quem diz a propria dona da casa. Madame possuía um pequeno repertorio de cançonetas boulevardières que o publico tinha a felicidade de não perceber, nem mesmo com dicionario, mas que applaudia freneticamente...

Un portugais plein d'élégance
m'invite á une contredance...
Oui, chéri...

Era um encanto! Bis! Bis! E assim passavam algumas más noites de inverno para muita gente boa.

Ora talvez eu fale a quem não saiba o que é o café-concerto dos boulevards. Ali se reúne e se accumula toda a gente que em Paris não tem hábitos regulares de recolher cedo, e que não póde ou não quer pagar o custo, muito caro, de um theatro de comedia ou de vaudeville, onde ir passar a noite.

N'uma pessima atmosfera quasi irrespiravel, saturada de maus halitos, que o fumo de mil charutos e cachimbos torna de uma densidade desagradabilissima á larynge e aos olhos, toda essa gente bebe cerveja, grogs, copinhos de licor, enquanto uma má orchestra executa velhos estribilhos, para acompanhamento de alguma cantora ou de algum comico, que no palco profere

os disparates mais crús, os calembours mais audaciosos.

N'essa feira do ridiculo, do *double-sens*, do grotesco, cujo incremento não é, como pretende o pessimismo dos psychologos, um symptoma de depressão moral, mas uma nevrose jovial d'aquella raça, o primeiro que chegue com duas faces contrações de fisionomia, uma estranha intonação de voz, uma corcunda ou um nariz ratão, pouco mais carece para empolgar o seu publico, e em pouco tempo fazer, tendo juizo, sua fortuna. Ha os sentimentaes, muito penteados, muito cheios de pomada, com boquinhas e bigodes retorcidos, Romeus da sua rua recitando cousas que recordam o Noivado do Sepulchro; ha os fisionomistas, cuja especialidade consiste em caricaturar homens do dia, notabilidades em vóga, desde Lépine ao Presidente da Republica; ha os imitadores, cujas cançonetas são verdadeiras onomatopéias, chegando á perfeição de nos offercerem, sem orchestra, a ouverture d'uma opera, com a mesma facilidade que a seguir nos dá o Diluvio, se preciso fôr, ou o Juizo Final; ha os fenomenos, que tanto podem ser um zarolho, um marreca, um magro ou um obeso; ha os excenticos, que á sombra de um guarda-sol disforme ou das abas descommunes de um chapéu de pello, se permitem dizer-nos os peores monologos.

De vez em quando, porém, n'alguuma passa-

geira aureola de celebridade, surgem verdadeiras notabilidades, como esta Ivette Guilbert, que tem hoje maior fama que a Térésa e incomparavelmente maior que a Judic.

Ivette é uma creatura esguia e pallida, d'uma belleza enigmatica e fria, que um dia surpreendeu Paris, afeito ás pequeninas bonecas de palco loiras e rosadas, artificiaes, vulgares, sublinhando com piscadellas de olhos os versos mais picantes. E' perturbadora a sua mascara exangue de mulher, d'uma indifferença altiva, estranha bocca e olhos mais estranhos, nem verdes, nem azues, nem tristes, nem coruscantes, olhos que não definem sensação alguma, olhos que parecem duas lagôas geladas... E não se sabe, ao vê-la entrar em scena, misteriosa e fragil, serena e enleada, se ella é uma d'essas creaturas misticas, como a Serafita de Balzac, atormentada pela nostalgia de um passado sem macula, em algum paiz de neves, ou se não é bem uma fina especuladora da ingenuidade do seu publico.

Ivette é uma creaturinha singela, toda vestida de simplicidade, que desce o palco apparentando o mesmo ar de modestia ingenua com que poderia caminhar, serenamente, por alguma nave em festa, a receber n'um dulcissimo enleio a comunhão primeira. Quando ella se aproxima e chega junto á bocca de scena, ouve-se na orchestra um tão lindo trecho, e tão suave, que parece de musica sagrada; toda a vasta sala guarda um recolhimento religioso; suppõe-se haver thuribulos accesos, e uma nuvem de incenso subindo e envolvendo o corpo immaculado e fragil de Ivette... Mal entreabre ella os labios e murmura, não se sabe bem o quê... o olhar vago, a voz tremula, a celeste inconsciencia dos anjos... Todo o auditorio estremece: e Ivette começa a contar-nos, com indizível pasmo de nós todos, historias picarescas e horriveis.

Uma d'essas cançonetes que lhe ouvimos, descreve uma conquista facil de misera trotteuse, que conduz o aventureiro a uma viella d'onde o amante d'ella pôde ouvir certo assobio de signal combinado. No auge da aventura, quando a galhofa cresce, o amante, escondido, profunda com a navalha as entranhas do outro. Roubam-n'o depois, atiram-n'o ao rio, mas tudo se descobre, e o assassino sóbe á La Roquette. Do meio da multidão, na meia luz sinistra d'essa alvorada de morte, solta-se um assobio perfurante que chega ao condemnado... E quando a guilhotina cãe das mãos do carrasco, envia o moribundo á sordida amante um derradeiro adeus, n'aquelle mesmo assobio horrivel de signal que os havia aproximado pela noite negra do crime... E é esse assobio, esfuziando dos labios seccos de Ivette, que nos vem percorrer a espinha, n'uma terrivel vibração de gelo. Outra das suas cançonetes é a historia de uma rapariguita que a mãe abandonou, certa noite de neve, na confusão dos boulevards; que seguiu depois o primeiro sujeito que a chamou; que depois seguiu os outros; que um dia chegou, finalmente, a ser adorada de todos, opulenta e feliz, rolando-lhe aos pés corações de principes e bolsas de banqueiros; que no meio d'isso esqueceu a mãe, naturalmente, mas que um dia a vê chegar, esbandalhada e velha, a censural-a, a injurial-a, porque nunca mais pensára n'ella:

«Tu devrais penser à ta mère!»

E d'ahi em deante, constantemente a persegue, embora a filha não queira reconhecê-la, censurando-a, injuriando-a sempre, porque se recusa a socorrer a mãe com o producto vergonhoso da venda do seu corpo. Ah! como é impossivel dar a mais leve ideia da maneira por que Ivette conta essa historia, aliás tão singela, tão vulgar, mas tão profundamente dramatica, e da rouca intonação alcoolica, da asquerosa fisionomia que simula, quando accentua, no refrain da cançõeta, a sordida persistencia da velha, avida de viver á tripa-fôrra sob o tecto doirado do palacio onde a filha estabeleceu alcoice:

«Tu devrais penser à ta mère!»

Mas é irresistivel essa voz de sonho, ora agreste e clara, ora soturna e cava, que sae de toda ella, modulada em vibrações metallicas que ora retinem vivas como repiques de festa, ora echoam ao longe em dobres de finados. E quando alguma das suas historias, picarescas ou horriveis, vae deslizando ou galopa, aventuras de amor, nevroses de crime, a tal ponto de indizível excitação chegam os nervos da sala hipnotisada, que a gente chora, ri, uiva e grita, estremece e contorce-se, tem frio e está em braza, pede-lhe que se cale e implora-lhe que bise...

JOÃO PRUDENCIO.

A manifestação ao ministro das finanças sr. José Relvas

A campanha levantada por certa imprensa de Lisboa contra o sr. José Relvas, ministro das finanças, a proposito da sindicancia á Casa da Moeda, impressionou bastante o digno homem de estado, a ponto de entregar a pasta nas mãos do Presidente do Governo Provisorio da Republica.

A noticia desta resolução produziu tambem grande impressão no publico, que tem a maior confiança no sr. José Relvas, confiança inspirada pelas qualidades do seu character honrado, prestante e desinteressadamente dedicado á Republica, que tem servido com inexcedivel zelo e intelligencia, num trabalho assiduo e quasi sem descanso para a reorganisação das finanças e melhoria de todos os serviços dependentes da sua complicada pasta, no difficil momento historico que o país atravessa.

Foi este o sentir de varias coletividades, que logo se apressaram a manifestar ao sr. José Relvas o seu desgosto pela resolução de abandonar o governo, pedindo instantemente para desistir de tal proposito.

Principiando pela Camara Municipal de Lisboa, a primeira que neste sentido se apresentou ao sr. José Relvas, no hotel da Europa, onde se acha hospedado, seguiram-se os empregados das secretarias do ministerio das finanças, em numero não inferior a quatrocentos, que ali levaram uma mensagem a sua ex.^a A Associação Industrial, a Associação Commercial de Lisboa, a Associação Commercial dos Lojistas de Lisboa, comissões municipais e parochias, o Directorio da Junta Consultiva e ainda outras coletividades, todas com mensagens a manifestar a sua absoluta confiança no ministro e a pedir que continuasse á frente dos negocios da sua pasta.

Do Porto e outros pontos do país vieram telegramas no mesmo sentido.

Em vista de tão expontaneas quanto significativas manifestações, o sr. José Relvas resolveu continuar na sua pasta, acedendo aos reiterados pedidos que lhe foram feitos.

Reconheceu o sr. Relvas que não podia deixar o governo que o sopro da revolução levara ao poder, e que a despeito de todos os sacrificios feitos e dos que teria ainda de fazer, estava ali para servir a Republica e concorrer para a sua consolidação.



50.º anniversario da unidade da Italia

«Allá está Roma: el Tiber baja entre los magníficos reparos construidos por la Italia moderna, y en una parte, el Foro Romano, el Foro Troyano, el Coliseo y el Pantheon guardan celosamente, en los escambros, en los mármoles despedazados y en los arcos y columnas truncadas, las memorias del Paganismo, y, en la otra parte, San Pedro, el templo maximo de la cristandad, con la cúpula de la época del Renacimiento, encierra los recuerdos del Catholicismo; sobre el Quirinal se levanta el Palacio del jefe del Estado moderno de Italia, del cual son leyes el pensamiento regenerador de Mazzini y la sagacidad política de Cavour, y son armas fatidicas las espadas de José Garibaldi y de Victor Manuel 2.º» Enrico Piccioni — *Dos Conferencias: — La Italia de Hoy*, tenida el 3 de septiembre de 1905, en Valdivia, en el Club Alemán — Santiago de Chile, tipografía, litografía y encuadernación *El Pensamiento Latino* — 1905.

Por despacho ministerial de 7 de novembro de 1908, foi nomeado o 1.º secretario da legação, Lambertini Pinto, commissario portuguez junto da exposição internacional historica e artistica, que, em 1911, se realisará em Roma, commemorando o 50.º anniversario da proclamação do Reino de Italia.

Tenho diante de mim o volume contendo o programma respectivo, impresso na cidade eterna, em 1909, e distribuido profusamente em todos os paizes cultos do mundo.

N'esse programma, que abre por um entusiastico introito, dirigido aos italianos, lê-se este bello periodo, fêcho do mesmo introito:

«In nome dell'Italia, della sua risurrezione ad una terra civiltà, sicuri dei destini nazionali, memori della via percorsa, invitiamo gli Italiani, invitiamo il consorzio delle gente civili a commemorare, nel 1911, a Roma ed a Torino, il cinquantenario del 27 marzo 1861.»

A este convite não podia Portugal deixar de corresponder, e importa que a arte portugeza não brilhe por ausencia na exposição annunciada.

A Italia nos prendem relações antigas, concorrentes ao periodo primordial do berço da nossa nacionalidade, então filiadas na pessoa do fundador da monarchia, e não quebradas na corrente dos seculos até á nossa idade.

Affonso Henriques teve por mulher uma filha da Italia, e a uma bulla de Alexandre 3.º, em 1179, deveu a consagração do titulo de *rex*.

Encontra-se assim, na aurora da nossa vida politica, a interferencia italiana representada por uma rainha e pelo citado pontifice romano.

«Correva l'anno 1146; contava Alfonso trentasei anni d'età, diciasette di regno, quando condusse in moglie Mahaut o Matilde di Savoia, variamente chiamata in Portogallo, ora Matilde, ora Mahalda, ora epiú comunemente Mafalda.» (Conte Luigi Cibrario — *Notizie di Matilde di Savoia, moglie d'Alfonso Enriquez, primo Re di Portogallo* — Reprodução de Antonio de Portugal de Faria. Livorno, 1897).

O illustre auctor do folheto de que acabo de fazer o registo, acompanhando o de uma transcripção do respectivo texto, honrou nos com a sua presença, em Portugal, por occasião do seu desempenho de funcções politicas junto do heroico soldado que, depois de vencido no campo de batalha de Novara, em 1848, acolheu-se á nossa cidade do Porto, onde a morte o salteou, e onde existe um monumento a testemunhar do facto nos jardins do Palacio de Crystal, — a capella de Carlos Alberto, avô da rainha viuva, D. Maria Pia (1).

No intervalo de tempo entre a occupação do throno portuguez por Maphalda, de Saboya e por Maria, de identica proveniencia, filha d'aquelle que unificou, emfim, a patria italiana, novas razões avultaram para reforço e renovamento de tão antigas relações justificadas.

Não é meu proposito referir-lhes a historia, que, mesmo, não se aquilata á indole d'este escripto, mas, pela sua caracteristica especial, em grande ascendencia relativamente aos nossos dias de auro esplendor, quero alludir a uma d'essas novas razões, deveras digna de rememoração perduravel.

Fale a auctoridade de um erudito investigador: «D. Diniz, casado com uma princesa aragonesa, D. Isabel, tendo junto d'esta outra princesa, de origem grega é verdade, mas genovesa de nascimento, e filha de pae genovês, D. Vetaça ou Bataça, como escrevem os nossos, devia, naturalmente, attrahir ao reino catalões e genoveses.

Vendo o aperfeiçoamento das suas armadas, especialmente dos segundos, mestres dos primeiros, e considerando quanto era conveniente ao paiz melhorar a sua marinha, cuidou com toda a solicitude de prover a esse assunto.

Aproveitando certa frequencia que os navios de Genova começavam a fazer pelos nossos portos, graças ao estabelecimento em Lisboa e outras cidades de alguns negociantes genoveses e florentinos, procurou, por meio d'elles, introduzir na marinha portuguesa importantes reformas já quanto á construcção já quanto á disciplina.

Quer Manoel Pezagno viesse a Portugal por aso de commercio ou de outro qualquer intuito, quer fosse convidado a vir a este reino da parte de D. Diniz, é certo que o rei, nos ultimos treze annos do seu governo, encarregou este nobre genovês da direcção superior da sua frota...

Pezagno ou Pessanha, como se transformou no nosso paiz, parece ter correspondido ao cabedal que d'elle se fazia e a frota portuguesa, sob a sua direcção, adquiriu em breve as qualidades que lhe faltavam.» (*Livro de Marinharia — Tratado da Agulha de Marear de João de Lisboa — Roteiros, sondas e outros conhecimentos relativos á navegação*, copiado e coordenado por Jacinto Ignacio de Brito Rebello — Lisboa, 1903).

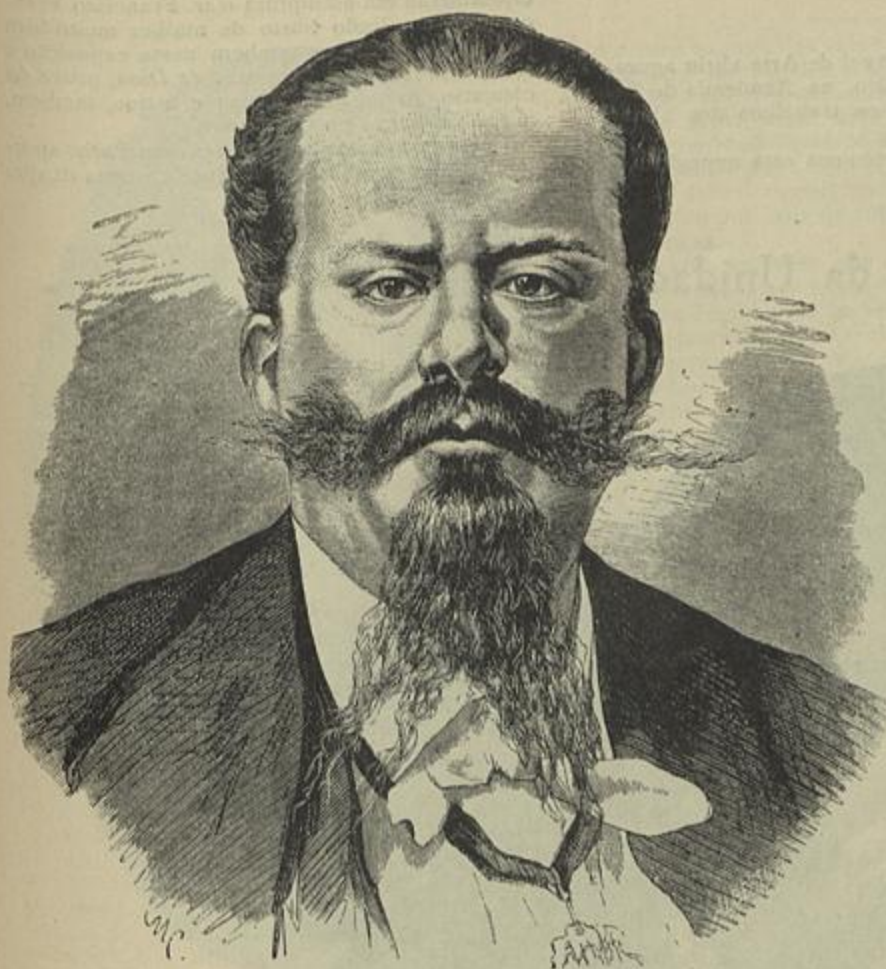
A passagem precedente é da penna de Brito Rebello e acha-se na *Introdução*.

Italia! «L'Italie est véritablement le pays de la beauté... La révolution italienne, admirablement belle dans ses accidents héroïques, l'a été plus encore dans sa forme et dans son progrès général. Et comme la beauté, dans les oeuvres de Dieu, n'est qu'un signe de l'excellence, la révolution la plus belle est aussi la plus instructive, la plus salutaire leçon, et pour l'Italie et pour le monde.» (J. Michelet — *Les Soldats de la Révolution*).

A ideia de unificação da Italia não era novis-

(1) Vidé OCCIDENTE, vol. XI de 1888, pag. 224, n.º 352.

50.º Aniversario da Unidãde de Italia



VICTOR MANUEL II



VICTOR MANUEL III

sima, nem desconhecida, fõra o sonho de uns e a aspiração dilecta de outros.

De Victorio Alfieri, piemontez, nascido em 1749, cita L. Etienne (*Histoire de la Litterature Italienne*), estas palavras de videncia:

«Dia virá, dia virá em que, tornando á vida, os Italianos se hão alistar sob as bandeiras, não em serviço alheio...»

«Já os ouço, a dizer me: O' poeta! nascido em um seculo mau, comtudo, creaste a idade sublime que prophetisavas.»

Tres homens, de pulso vigoroso e de potente cerebro, consummaram a unidãde d'aquella patria que em seculos já distantes dominou o mundo inteiro com a aguia das suas legiões e com o instituto juridico das suas leis, — Victor Manuel, Garibaldi e Cavour.

Entre os dois primeiros ficou memoravel a entrada triumphal, em Napoles, a 7 de novembro de 1860, de carruagem, ao lado um do outro, posteriormente á famosa entrevista de 26 d'outubro, perto de Teano, em que, havendo os officiaes dos exercitos de ambos saudado aquelle, presente, com o grito de: «Viva Victor Manuel! Garibaldi accrescentou logo, levantando a voz: «rei de Italia!»

Em Turim, no dia 27 de março de 1861, occorreu, no parlamento, a proclamação do Reino da Italia e foi ahí tambem que a palavra de Cavour, em discurso inolvidavel, retumbou por esta forma, ao concluir:

«Interpretes do sentimento nacional, já, no dia da abertura do parlamento, haveis saudado Victor Manuel com o novo titulo que a Italia, desde Turim até Palermo, lhe concedeu no seu affecto reconhecido. Agora, cumpre converter em lei do Estado similhante grito de enthusiasmo.»

Assim foi executado. «O parlamento, escreveu Jules Zeller (*Abrégé de l'histoire d'Italie*), votou por unanimidade.»

Roma, como era natural, foi escolhida pela mesma assembleia para futura capital do novo reino.

Garibaldi propoz-se por duas vezes realisar a tomada da cidade do Vaticano, a primeira em 1862, não o conseguindo em virtude da acção militar, travada em Aspromonte (28 d'agosto) onde ficou prisioneiro, e a segunda, em 1867, com

resultado identico para o illustre filho da ilha de Caprera, vencido em Mentana (3 de novembro).

A proposito d'este combate em que as tropas do papa operaram a defesa juntamente com forças francezas, commandando em chefe o general d'estas ultimas, Faily, escreve o allemão Georges Weber (*Histoire Contemporaine*, traduite de l'allemãnd par Laurent-Lapp):

«O general francez expediu alegremente para Paris, este despacho telegraphico: A «chassepot» fez maravilhas.»

O que, porém, então, impediu a celebrada espingarda, não poude ninguem embaraçal-o desde que, Napoleão 3.º, empenhado na lueta de 1870 com a Prussia, chamou a si a guarnição franceza

installada por elle em Civita-Vecchia para «que livrasse Roma de qualquer tentativa de invasão», conforme se lê em Cesar Cantu (*Os Ultimos Trinta Annos*, traducção pelo Visconde de Castilho).

No dia 20 de setembro do referido anno as tropas de Victor Manuel apoderaram-se da cidade, e logo no principio do anno immediato, de 1871, a capital que de Turim passara a ser em Florença foi transferida, finalmente, para o local que lhe pertencia e deveras lhe pertence.

«Chegámos a Roma! ninguem nol-a poderá arrancar», exclamava n'essa hora solemne de intimo contentamento aquelle que occupou o throno, onde hoje é admirado com inteira justiça o seu neto, do mesmo nome e verdadeiro modelo não só de Chefes de Estado mas tambem de cidadãos honestos e zelosissimos no interesse e na causa da patria.

Honra, pois, a Victor Manuel 3.º, homem sympathico, legitimo obreiro economico da revivencia agricola no seu paiz e abenegado apostolo da bella Italia em todas as situações e em todas as conjuncturas!

Não se me afigura no actual soberano que vae presidir ás grandiosas festas de 1911, um typo de prosapia sobranceira e de altivez repugnante, mas um perfeito magistrado aberto a tudo o que é nobre e um genio italiano convicto do alto merito da independencia nutrida pelo ardente amor votado ao solo natal e pela virtude do equilibrio politico sensato!

Roma! «Amanhã deixaremos Roma, com grande magoa», dizia, em 23 d'abril de 1829, Stendhal (Henry Beyle) — (*Promenades dans Rome*) — «Roma não é uma cidade como as outras cidades: tem um encanto que só a ella pertence... Não é um lugar indifferente para nenhum d'aquelles que a sorte lá conduz», affirmava M. J. J. Ampère em 1859 (*La Grèce, Rome et Dante*).

E quantas phrases relativas áquella cidade, quantos retratos da capital italiana, da antiga cabeça imperial do mundo não poderia eu recolher agora e citar na integra, se pretendesse avolumar estas linhas, traçadas com intuito diverso?! Portugal tem o dever civico de acudir ao deliado convite da nação italiana com a concorrência effectiva dos productos da sua arte, que bem o documentam, e que não são extranhos ás fontes de inspiração esthetica onde beberam os Raphael e Migueis Angelos da Renascença immortal!

Todas as cidades historicas da Italia são escola



CONDE DE CAVOUR

soberba de Arte na sua multiplice manifestação de assombrosos primores, e portuguezes appellaram e apellam para ellas, com razões lisongeiras de muito agrado, com lembranças que só incutem gratidão sincera.

A' Italia, portanto, e, em especial, a Roma «Ao pé do Colisseu!... Fui lá deitar-me!» como cantou João de Lemos no *Cancioneiro*.

Não só deve a patria portugueza á patria de Victor Manuel ingencias de artistas e sonhos arrebatadores de poetas, artistas tambem, ainda

Exposição de trabalhos dos alumnos da Academia de Bêlas Artes

Esta exposição annual de Arte abriu agora as suas portas ao publico, na Academia de Bêlas Artes, apresentando os trabalhos dos alumnos feitos no anno lectivo.

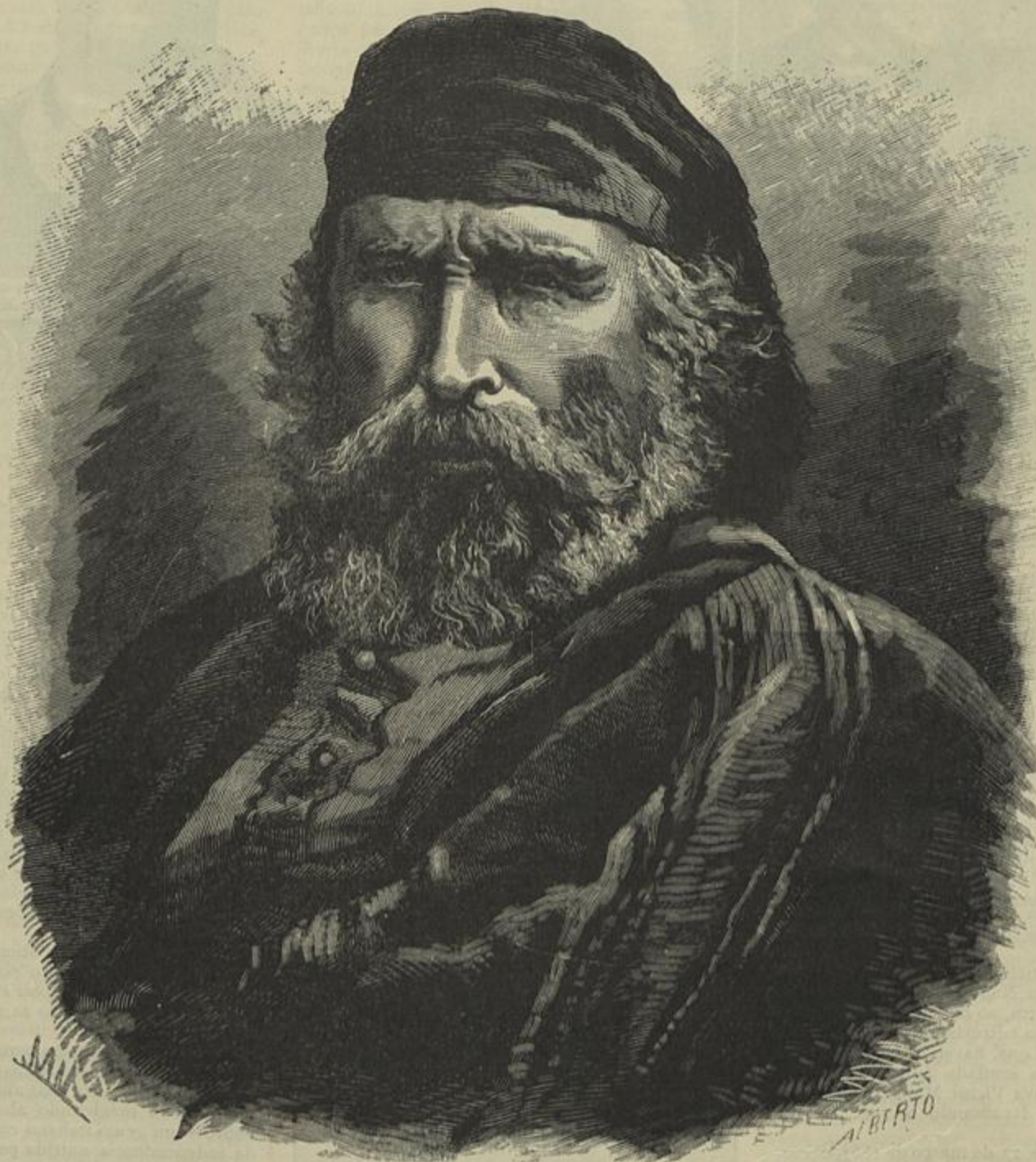
A nosso vêr, pareceu-nos esta exposição, em

que Franco e que obteve o premio de pensionista do Estado para estudar no estrangeiro.

Ainda dos alumnos da escola se distingue vantajosamente em esculptura o sr. Francisco Franco com um lindo busto de mulher muito bem modelado, vendo-se tambem nesta exposição o seu baixo-relevo *A Surpresa de Dion*, prova do concurso ao legado *Valmor* e a que, tambem, já nos referimos no OCCIDENTE (1).

Dos pensionistas a estudarem em Paris, apresentam-se trabalhos do sr. José Campas de que

50.º Anniversario da Unidade de Italia



JOSÉ GARIBALDI

ao presente lhe estamos devendo lições de agricultura em Alba e em Portici, onde pensionistas nossos frequentam os cursos respectivos.

D'aqui saúdo, com o proposito do 50.º anniversario da proclamação do Reino de Italia, o seu representante acreditado em Lisboa junto do governo portuguez, e creio interpretar o sentir da redacção d'O OCCIDENTE, asseverando que ella me acompanha n'este momento por egual modo.

D. FRANCISCO DE NORONHA.



A deshonra é uma ferida que se cicatriza, mas que nunca desaparece.

geral, mais fraca do que a do anno passado, devido, talvez, a causas que é ocioso rememorar.

Entretanto, alguns trabalhos se apresentam dignos de menção, principalmente os que concorreram ao premio *Annunciação* (pintura de animaes), em que se distingue bizarramente o sr. Gabriel Rendo, ao qual foi conferido o referido premio. Em pintura historica foi dado, com toda a justiça, o premio *Lupi* ao sr. Dordio Gomes, pelo quadro *Jesus acalmado a tempestade*, com que concorreu ao legado *Valmor* de pensionistas a ir estudar no estrangeiro, quadro que já foi reproduzido nesta revista (1).

E' muito distinta a prova de *nu* do sr. Henri-

notámos um bello estudo de *nu* pintado com bastante brio e correccão embora o escorço da figura, pouco favoravel á prespetiva, mostre demasiado curta a perna esquerda. As tintas fundem-se admiravelmente, sem dureza de contornos, o que é um dos grandes segredos da pintura.

Outro pensionista, Ricardo Ruivo, falecido em Paris, é memorado nesta exposição por tres estudos entre os quaes avulta o de um quadro *Cristãos fugindo á perseguição de Nero*, composição delineada com largueza de desenho, revelando artista de pulso, como fôra estudante distintissimo da Academia, tão prematuramente roubado á Arte.

(1) Vidé OCCIDENTE, XXIII vol., de 1910, pag. 284, n.º 1151.

(1) Vidé OCCIDENTE, XXIII vol., de 1910, pag. 280, n.º 1151.

Exposição dos Alumnos da Academia de Belas-Artes



UM BUSTO DE MULHER
Esculptura de Henrique Franco

Arte moderna no Salão Bobone

São tão poucas e tão pobres as exposições de arte na minha terra, que eu, quando vou observar alguma, levo sempre na alma uma alegria consoladora por compreender que ainda existem sacrificados ao culto da belleza e do sentimento. Os nossos poucos artistas, são ainda hoje, infelizmente, os incompreendidos dum publico a quem não faltam certas qualidades apreciaveis mas que não possui por enquanto a minima sombra de educação artistica.

Os ricos, alguma cousa mais educados, são na sua maioria pouco intelligentes, e, quantos ha por ahi que adquiriram um quadro, não já pelo seu valor artistico, mas apenas pelos ornatos esbafatosos da moldura? Depois, neste pobre paiz,

o critico as mais das vezes ignorante falseia quasi sempre o seu papel, e o jornalista, sem que para isso haja um motivo justificavel, dispende columnas de prosa sobre um crime reservando simplesmente meia duzia de linhas para tratar d'um assumpto de arte!

Mas devem desenganar-se os que assim procedem, ou por falta de competencia, ou por falta de crenças.

A arte moderna que irradia hoje por todo o universo, tende a tomar uma orientação combativa demolidora de velhas formulas e de velhos preconceitos, e certamente não mendigará louvores quando sabe que tem pelo seu lado os applausos do Direito e da Justiça. Desenganemo-nos: o futuro, ha-de ser dos que crêem, dos que trabalham com fervor genial e immaculado a construir a sua obra, sem receios nem pavores no presente. Venceram sempre os que souberam caminhar, os que arrostaram com o indifferentismo das multidões pouco cultas porque possuíam uma força invencível e soberana — a fé.

E os novos que agora expõem estão n'este caso, possuem a fé. Elles são rapazes a quem não faltam singulares aptidões artisticas, e que veem animados da melhor boa vontade a fim de concorrerem com o seu esforço para que se veja na triste cidade, de quando em quando, alguma cousa de original a quebrar a monotonia do nosso viver de occidentaes. São novos, sabe-se; mas hão-de vencer, creiam, embora isso custe a muita gente boa que por ahi ha. E' simplesmente uma questão de tempo.

Na exposição, organizada com fino gosto, destacam-se os trabalhos de Emmerico Nunes que possui uma organização artistica muito completa. As suas caricaturas podem perfeitamente rivalisar com as do americano *Gordon Ross*, não só pela philosophia das legendas, como pela naturalidade das expressões. Os *Apaches*, *La femme cochère*, *Os trapeiros*, *A Volta da Feira*, *O carro do Chôra*, são documentos interessantes, d'uma factura muito original e reveladores d'um espirito orientado e superior.

A pintura de Emmerico, que é também muito curiosa, resente-se talvez, na sua maioria, d'uma certa ausencia de planos vigorosos, o que não quer dizer que desagrada ou que não tenha verdade. Além de que, eu não venho para aqui notar defeitos que o artista deve ser o primeiro a reconhecer. Ao menos faça-lhe essa justiça, porque a critica que eu aqui pudesse exercer, seria importuna, ou pelo menos prejudicial... As suas pequenas telas: *Nevoeiro*, *Vapores no Tamisa*, *Moinho n'um canal e*

Rua antiga, são muito apreciaveis. A pequena mancha *Dia cinzento* é magnifica de verdade.

Outro expositor, Manuel Bentes, apresenta alguns quadros de valor entre os quaes se destacam: *Um canal em Zaandam* (Hollanda), *Um Boulevard*, *a Neve* e a *Cathedral*. Bentes aproveitou muito com a sua estada no estrangeiro, e o grande amor que consagra á sua arte, bem como a sua tenacidade e amor ao trabalho, hão-de fazer d'elle dentro em breve, um dos nossos mais apreciaveis pintores.

Encontrei ainda no interessante certamen alguns desenhos curiosos de «Francisco Smith» e algumas «manchas» de aspecto agradável dos pintores Francisco Cabral e Alberto Cardoso. O que porem mais me impressionou n'esta exposição de rapazes, foram duas telas: a *Velha Açoreana*, de Domingos Rebello, e a *Natureza morta*, firmada por Roberto Colin. A primeira das telas mencionadas póde ter defeitos, póde ser talvez que esteja muito longe da perfeição, mas o que não resta duvida, o que é positivo, é que é cheia de sentimento e impressiona. A expressão d'essa velha açoreana é bem a expressão da velhice talvez cansada de observar todo este sendal de mi-



CRISTÃOS FUGINDO À PERSEGUIÇÃO DE NERO

Quadro de Ricardo Ruivo

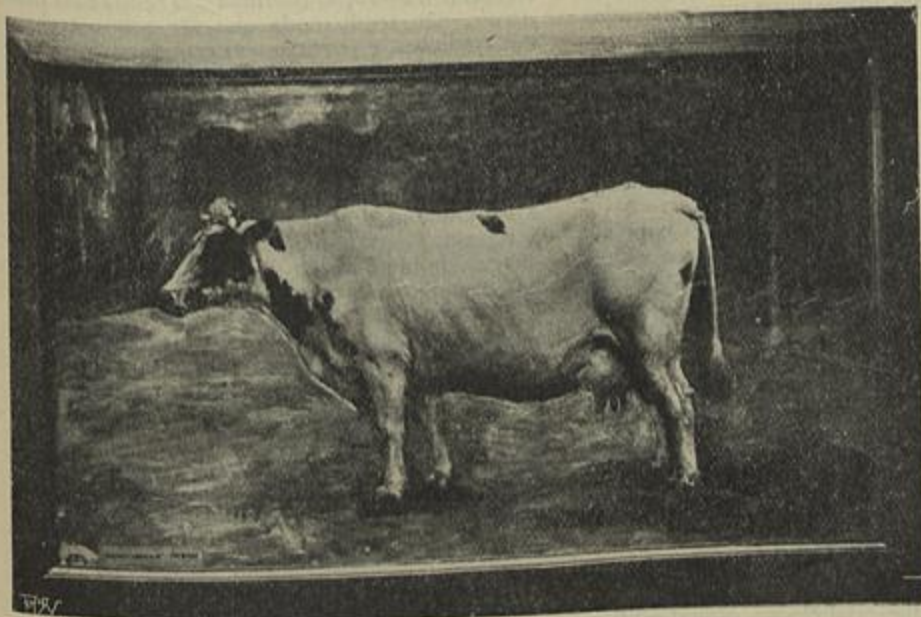
serias que se chama a Vida. A attitude d'essa figura melancolica, curvada para deante, as mãos grossas, já gastas, e que o pintor marcou d'uma forma larga, como de resto todos os predicados, que reúne esse trabalho, são os indícios seguros de que elle é feito por um artista.

O mesmo se póde afirmar da *Natureza morta*, tela onde Colin pintou, sobre uma pequena mesa, umas flores seccas e uma caveira.

Este quadro é simples mas bello. E' n'esta escola de contrastes, ou, como queiram, n'este terreno educativo, que os artistas da minha geração devem firmar o seu valor. Façam arte que seja do nosso tempo, ajudando todos com os seus esforços a construir um grande edificio de philosophia moral. A arte, para ser grande, tem de se cingir ás tendencias da epocha e desprezar os themas constantes e corriqueiros do passado. Todas as renovações da belleza tem de fazer-se n'um sentido progressivo. Se assim não fosse, Rodin não seria hoje o maior escultor do seu seculo, e Carriere não assombraria o mundo com as suas creações geniaes. E já que a arte é aqui no nosso paiz tão rara, tão pouco apreciada, e por vezes também, tão mal comprehendida, que tomem os artistas para si a grande missão de educar o povo pela arte, visto que só a elles essa missão compete. E iremos assim caminhando para um futuro de maior harmonia e de maior belleza, para o qual já se voltam muitos espiritos lucidos, porque a arte que consiga encerrar em si maior porção de verdade, de sentimento e de conceito, será a unica imperecível e immorredora, no meio das luctas constantes em que se formula o destino dos povos.

Pedrouços, 1911.

JOÃO DE SAAVEDRA.



UMA VACA

Quadro de G. Rendo, primeiro classificado para o premio «Anunciação»

Francisco Valença

E OS

Varões assinalados

Ahi por 1901 appareceu em Lisboa o primeiro numero d'um jornal de caricaturas—*O Chinelo*—collaborado por André Brun, Carlos Simões o *Masagão*— e a encabeçar o titulo do jornal o nome de Francisco Valença. Era o caricaturista que começava a ser conhecido do publico, muito depois de ter sido conhecido de meia duzia de amigos verdadeiros, que incutiram no animo do novel caricaturista de si modesto, mas de incontestavel talento e com uma preciosa mão d'obra caricatural, a publicação de um jornal. Não foi a fórma indecisa e receosa da sua caricatura; não foi a fórma litteraria dos seus excellentes collaboradores; foi a fórma pouco amavel porque o publico acolheu o *Chinelo* que foi para o calçado velho aos onze numeros de idade.

Não se amedrontou Valença com o insuccesso. Aperfeiçoando-se e fazendo-se um artista na perfeição, collaborando na *Comedia Portuguesa*, de Marcellino Mesquita; no *Supplemento do Seculo*, onde teve uma serie magnifica de *focos*; no *Tiro e Sport*, com excellentes caricaturas de sportistas, escriptores, artistas, o diabo, emfim; Valença, sempre com a ideia de produzir algo que ficasse e á custa de perseverança, conseguiu iniciar uma publicação no genero do *Album das Glo-rias*, do impercível Bordalo, a que deu o titulo de *Varões assinalados*. Primoroso de correcção artistica, esse quinzenario, que tem vinte-sete numeros publicados ou seja um anno e mez e meio, tem publicado desde o seu inicio caricaturas dos homens mais evidentes do paiz, *varões* que se *assinalaram* pelos seus feitos, de feitos e qualidades, nas artes, na politica dos adeptamentos e no partido republicano. D'essas caricaturas lembra-nos como mais perfectas de execução, embora todas sejam perfectamente executadas, as de Afonso Costa, Antonio José de Almeida, Miguel Bombarda, Theophilo Braga, José Sampaio (Bruno), Teixeira de Sousa, sr. de Franco (visto não haver marquês), Santos Farinha, João Chagas, o celeberrimo padre Matos, o não menos celebre bispo de Beja, Chaby e Valle, actores, etc.

A condimentar o bom acabamento d'essas esplendidas caricaturas tem o auxilio da esfuante prosa de Carlos Simões, um litterato, não consagrado, mas de muito talento e de talentos e que justo é que—sem que com isso queira melindrar os culminantes artistas da palavra escripta— vá á cabeça do rol; de André Brun, o alegre comediographo humoristico e *fadista-maxixeiro*; de Alfredo Mesquita, um fulgurante espirito de ironista; de João Chagas, o brilhante pamphletario das *Cartas Politicas*; do fino humorista portuense Guedes de Oliveira; do intelligente e gracioso Accacio de Paiva; de Camara Lima, o chronista a *quinze dias de vista*... do *Brazil-Portugal*; do renegado Gomes Leal, do *Renegado*; de Eugenio Vieira, escriptor distincto, etc.

Com taes elementos artisticos-litterarios natural é que os *Varões assinalados* tenham tido a acceitação que do publico tem recebido.

Crêmos que o OCCIDENTE, fazendo esta referencia acompanhada do retrato de Francisco Valença, presta um preito de homenagem e admiração justa, embora feita a largos traços por um rapaz que muito préza e aprecia o caracter e as qualidades de artista consumado que concorrem na pessoa de Francisco Valença.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.



Nem sempre a magua se traduz no pranto; ás vezes ella não tem forças para sahir do coração.

PELO MUNDO FÓRA

Notas d'um curioso

OS PROGRESSOS DA AVIAÇÃO

E' facto que a aviação aerea conquista de dia para dia decisivos progressos, embora com enorme sacrificio de vidas. O anno de 1910, tão notavel em rasgos de verdadeira audacia dos aero-



FRANCISCO VALENÇA

nautas e em extraordinarios melhoramentos da mechanica applicada á aeronautica, viu desaparecer approximadamente trinta d'esses apaixonados *homens do ar*, cujas tentativas enthusiasmam as multidões e criam successivamente novos adeptos.

As nações mais adiantadas, á frente das quaes está a França, reconheceram já a notavel influencia da aviação aerea na guerra, e tratam de incluir nos seus orçamentos verbas importantes para o desenvolvimento d'este genero de *sport*, que vae produzir grandes modificações na arte da guerra.

Um dos maiores triumphos do anno que vae correndo cabe a *Eugenio Renaux*, que, em 8 d'este mês, fez o percurso de Paris ao cume do Puy de Dôme em cinco horas e dez minutos com um passageiro, ganhando o premio de 100.000 francos.

Este premio foi estabelecido ha alguns annos pelos srs. André e Eduardo Michelin ao aviador que dentro de dez annos fizesse o seguinte percurso: Partir com um passageiro, de um ponto qualquer do departamento do Sena e descer no alto do Puy do Dôme, depois de ter circundado a cathedral de Clermont-Ferraud, devendo gastar menos de seis horas nesse trajecto.

A difficuldade da realização desta *performance* avalia-se bem pelo periodo bem largo que o iniciador do premio lhe estabeleceu, o qual estava longe de suppor tão rapido progresso. Já em setembro do anno passado Weimann tentou bater o *record* estabelecido por Michelin, mas teve que

desistir a 14 kilometros apenas do ponto fixado; o mesmo fracasso succedeu aos irmãos Morane.

A possibilidade de longos vôos sobre a planície estava já assegurada pelos aviadores Bievouice (Paris-Bordeaux), Aubrun e Leblanc (circuito de leste), capitão Bellenger (Paris-Pau). Para Renaux surgia outra difficuldade: a obrigação de levar consigo um passageiro e, portanto, a necessidade de reduzir o combustivel, tendo de descer a meio do percurso para se fornecer de provisões; mas o prazo—6 horas—era demasiado curto para o trajecto—340 kilometros, não contando com as voltas.

Renaux confia na victoria, e com o seu companheiro Senonque, ambos com o péso de 150 kilogrammas, parte do *aerodromo de Buc*, perto de Versailles; desce em Nevers para, poucos minutos depois, retomar o vôo, attingindo a cathedral de Clermont-Ferraud, e, tendo-a torneado, conforme as condições do programma, fez a *atterrissage* um pouco abaixo do observatorio situado no cume do Puy de Dôme, fazendo um trajecto de 380 kilometros em 5 horas, 10 minutos e 46 segundos.

Maurice Farman, o constructor do seu biplano, aguardava o resultado do *record*, que Renaux lhe transmittiu n'estes laconicos termos: *Está feito*.

O Puy de Dome está a mais de 1:450 metros, altura já excedida por outros aviadores. O maior obstaculo para Renaux era a descida, porque o terreno era muito desigual e tinha apenas uns cincoenta metros de largura. Qualquer descuido nas manobras seria sufficiente para que o aparelho se despedaçasse de encontro aos rochedos.

Eugenio Renaux nasceu em Paris em 1877, notabilizando-se como cyclista, e como tal ganhou em 1899 a corrida de Paris-Saint-Malo; dedicouse depois ao automobilismo em que alcançou bastantes premios.

BRANLY VENGE CURIE

Fallamos aqui da lucta travada em França entre adversarios e partidarios do feminismo a proposito da eleição da sr.^a Curie para a vaga de Gernez no Instituto, e que era disputada por sete candidatos, ficando em campo apenas Curie e Branly, aquella apoiada apenas pela Academia das Sciencias, pois que as quatro restantes academias haviam protestado contra o principio das candidaturas femininas. A Academia

das Sciencias, pela voz de Roux, director do Instituto Pasteur, de Bouty, de H. Poincaré, etc., declarou que a *sciencia não tem sexo* e que *tem por essencial a evolução continua das realidades tangiveis*, não tendo nada que vêr com o espirito das tradições, e por isso, em grande maioria, aceitou a candidatura de Madame Curie, que, pela sympathia de que é alvo, e pela originalidade da eleição em que, pela vez primeira se prestava tal homenagem a um cerebro feminino, parecia fazer pender a balança em seu favor. O ardor, porém, com que os seus defensores combatiam a candidatura de Branly, por motivos extranhos á sciencia, determinaram a derrota de Curie, o que, se de facto foi um desastre para a causa do feminismo, representa justa recompensa para a alta personalidade do douto professor de physica do Instituto Catholico de Paris—Branly, o inventor do *cohéreur*, o aparelho maravilhoso que determinou a descoberta da *telegraphia sem fios*, que, se immortalizou Marconi, concede as mesmas honras ao rival de Curie, ao qual Marconi testemunhou toda a sua veneração endereçando-lhe o primeiro telegramma, ou antes *Marionigramma*. Coincidencia curiosa! Branly partilhou em 1903 o premio Osiris com Madame Curie.

O FIMINISMO NA NORUEGA

A candidatura da sr.^a Curie ao Instituto de França interessou todas as nações e particular-

A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1160)

Dolly Venn lembrou-se de que talvez alguma bala, das que disparára na noite anterior, tivesse aberto rombo no bote por onde a agua entrasse, mas não julguei que assim fosse, porque então teriam dado por isso mais cedo e remediado o mal. O que era provavel é que alguma tabua abrisse por ser velha e o peso da gente a deslocasse ainda mais. Fosse porém o que fosse, o que era certo era que aquelles homens, que já tinham sentenciado os pobres naufragos á morte, estavam agora indo para a eternidade, e sem largarem as armas que tinham na mão, e ainda com os desejos de vingança expressados pelos gestos que faziam.

Quando, afinal, comprehenderam a sua verdadeira situação, e quando a agua começou a penetrar no bote, então davam saltos e gritos de terror e só assim se esqueceram das victimas.

Todos viram que o bote se afundava com elles; os companheiros estavam longe bastante para os poder salvar e viam que morriam todos ali, em frente dos bosques onde tanta gente haviam assassinado a seu belo prazer.

Bem o comprehenderam, sim; o bote, resistindo por alguns segundos ao embate das ondas, afocinhava depois de prôa, e acabou por se sumir sob a agua, e os gritos desesperados dos dóze homens que se afogavam, resoaram e fizeram écho pelos longiquos montes da ilha.

E o mar, tão sereno antes com duas lanchas carregadas de gente, continuava na sua serenidade, mas agora só com uma a navegar.

Contemplei as horriveis caras d'aquelles homens quando vinham ao lume d'agua e depois se submergiam; vi braços levantados por entre o espumar da vaga; presenciei a espantosa lucta pela vida, pelo ar e pela luz do sol, e depois a scena mudou de repente tudo ficou silencioso.

Doze lá ficaram sepultados no fundo do oceano, mas salvaram-se nove!

Impressionados como estavamos, vendo n'este milagre o dêdo de Deus, foi como que um balsamo que nos deu coragem e nos fortificou o coração.

Até que enfim, ali estava, sem que ninguém a perseguisse, a pobre lancha dos naufragos!

Vozes alegres nos saudavam; figuras emocionadas nos applaudiam; ajudamos a subir pelas rochas uma mulher; precipitamo-nos a auxiliar e a animar os homens.

Nove seres humanos eram o premio dos nossos esforços.

Tinhamol-os arrancado das garras d'aquelles bandidos, e d'ali em diante combateriam a nosso lado, até chegar o momento de ganhar ou perder a batalha, e acabar com os mysterios da ilha de Ken, ou a ilha de Ken receber os nossos corpos no seu eterno somno.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.

Os imbecis e os maus odeiam os homens de espirito. Os maus dizem que os homens de espirito são uns imbecis, e os imbecis dizem que os homens de espirito são maus.

NECROLOGIA

Fernando Maia

Do actor Fernando Maia, que faleceu no dia 21 deste mez, diz Sousa Bastos no *Diccionario do Teatro Português*: «Nasceu em Lisboa a 30 de maio de 1869. Estreou-se no teatro de D. Maria II na comedia em 1 acto *A Herdeira*. Pouco ali se demerou, indo ao Brasil, donde voltou em breve. Trabalhou no Porto, contratado na companhia de José Ricardo. Ao organizar-se a sociedade artistica que tomou o teatro de D. Maria, em 1898, Fernando Maia entrou como sociario de segunda classe, passando depois á primeira e mais tarde eleito gerente, tendo feito uma boa administração. Inteligente, bastante ilustrado, como actor e ensaiador, ocupa hoje distinto lugar na cena portugêsa. Muito tem progredido e muito delle ha ainda a esperar.»



FERNANDO MAIA

De facto, o actor Fernando Maia distinguuiu-se vantajosamente na moderna pleiade dos actores portugêses, ao lado dos seus colegas antigos mais festejados pelo publico, no teatro de D. Maria, tomando parte em quasi todas as peças que constituíram o repertorio deste teatro nos ultimos annos.

Um actor perfeitamente moderno, dizendo com muita finura e propriedade os seus papeis, sem os exageros declamatorios da velha escola, a desaparecer, e antes com uma simplicidade e naturalidade bem observadas.

A terrivel doença da loucura apossara-se delle ha tempos e, não obstante ter tido melhoras animadoras que parecia restituirem-no á sua querida arte, ellas fôram enganosas e a morte foi o desenlace do desditoso artista, na flôr da vida.



Homenagem á memoria de Miguel Bombarda e Candido dos Reis

Umias cinco mil pessoas, encheram completamente a grande sala de espectaculos do Coliseu dos Recreios, no domingo, 26, a prestar homenagem á memoria dos dois grandes caudilhos da Republica, o almirante Candido dos Reis e dr. Miguel Bombarda.

Essa homenagem, promovida pela Associação do Registo Civil, despertou o maior entusiasmo no povo de Lisboa, que mais uma vez afirmou de modo elequente, quanto lhe é querida e respeitada a memoria daquelles dois portugêses, que tanto se esforçaram pela implantação do novo regimen e não tiveram a dita de assistir em vida ao seu triumpho.

Foi uma sessão solemne que a Associação do Registo Civil realisou naquella grande sala, presidida pelo dr. Magalhães Lima, a que serviram de secretarios os srs. Ladislau Pereira, Machado dos Santos, Gonçalves Neves e capitão Gomes Leal. A direita da presidencia occupava logar a menina Deolinda Teixeira Alves, vestida figurando a Republica, empunhando a espada e a bandeira.

mente aquellas em que existe a questão feminista, que se vae aggravando de dia para dia, com prejuizo da cellula social—a familia, que tem no individualismo o seu maior inimigo.

Na Inglaterra as suffragistas continuam luctando sem descanso pelo direito de voto, manifestando já a intenção de se entregarem á sabotage do recenseamento da população por meio de falsas declarações, o que provocou já por parte do orgão conservador—*The Times*—severo julgamento. A' frente d'este julgamento encontra-se Lady Pankurst, auxiliada por Ladies Constance Lytton, Selborne e Balfour.

O parlamento da Noruega é que conta já uma deputada, *Madame Anna Rogstad*, que tomou assento no *Storting* em 17 de março. Este resultado, diz a primeira parlamentar norueguêsa, faz honra aos homens que não recearam que uma mulher tomasse logar junto d'elles; mas as mulheres podem tambem reclamar a sua parte nessa honra, pois que a obtiveram ao fim de longas luctas.

Certamente, nós não abandonamos o lar, diz A. Rogstad. A nossa presença no parlamento não significa a dissolução da familia.

Madame Anna Rogstad nasceu em 1856. E' professora ha mais de vinte e cinco annos d'uma escola popular municipal, onde tem trabalhado activamente, tomando ao mesmo tempo parte na agitação feminina do seu paiz e lançando-se por fim na politica.

UM RIO DE CHAMPAGNE

Em consequencia d'uma tremenda crise que ha muito lavra entre os productores do famoso *Champagne*, cuja marca regional soffre a concorrência dos varios *champagnes* feitos a martello, a exemplo do que se passa com o nosso *Porto*, que se produz nas docas de Hamburgo, em Tarragona e em toda a parte, os vinhateiros francêses da afamada região da Champagne asaltaram a adega d'um tal Achilles Perrier e em poucos minutos esfacelaram 40 toneis e dezenas de barris do precioso liquido, esmigalharam cerca de 9:000 garrafas e 300 meias-garrafas, causando um prejuizo de mais de 100:000 francos. Repetiram o vandalismo nos armazens de Bockuillon e Berthet, deitando ao rio mais de 400 hectolitros de vinho.

A agitação prolonga se, apesar do governo ter procedido a uma nova delimitação da região productora do verdadeiro *Champagne*.

A HORA EM FRANÇA

Na noite de 10 para 11 de março os relógios em França soffreram o atrazo de 9 minutos e 21 segundos, ou seja a differença entre o meridiano de Paris e o de Greenwich, que é o adoptado em quasi todas as nações civilisadas e que, por uma lei approvada em 11 de fevereiro pelo senado francês, foi accete tambem por aquella nação.

A nova hora legal havia sido definida pelo congresso internacional de Washington, em 1884, da seguinte forma: sendo a terra dividida em 24 fusos de 15 graus por meridianos contados a partir d'um meridiano origem, a hora será a mesma para todas as regiões comprehendidas no mesmo fuso, havendo atrazo de uma hora no fuso situado a leste e avanço de uma hora nas do fuso que fica a oeste.

A escolha do meridiano origem, deu causa a muitas discussões, tendo-se procurado primeiro um meridiano neutro, isto é, que não passasse por nenhuma terra habitavel, e acabando por ser accete o meridiano de Greenwich, como ponto de origem, visto ser esse o universalmente adoptado nas cartas geographicas.

Pela nova divisão da terra as differentes nações da Europa ficam constituindo tres grupos correspondentes a tres fusos-horarios, a saber: *Europa occidental*, comprehendendo as Ilhas Britannicas, Hollanda, Belgica, França, Hespanha e Portugal. *Europa central*, comprehendendo a Suecia, Noruega, Dinamarca, Allemanha, Austria, Suissa e Italia. *Europa occidental*, comprehendendo a Russia, Estados do Danubio, Turquia, etc.

D'esta forma, quando fôr meio dia em Paris, será igualmente meio dia em Londres, Bruxellas e Madrid; uma da tarde em Berlim, Vienna e Roma; e duas da tarde em S. Petersburgo, Bucarest e Constantinopla.

J. A. MACEDO D OLIVEIRA.

Homenagem á memoria de Candido dos Reis e Miguel Bombarda



NO COLISEU

ORADORES QUE TOMARAM PARTE NA SESSÃO SOLEMNE
COM O SR. MINISTRO
DA MARINHA E MAIS OFICIAES DA ARMADA

No palco, estavam a cada lado, cavaletes em que descansavam os retratos de Candido dos Reis e Miguel Bombarda, velados pela bandeira nacional e guardados por uma força de marinheiros. Junto do primeiro retrato postavam-se os srs. Azevedo Gomes, ministro da marinha, e Carlos da Maia; no segundo, os srs. dr. Manuel de Arriaga e Sousa Dias.

Pela sala, compacta de povo, resoaram calorosos vivas e saudações á entrada do dr. Magalhães Lima e ao ouvir-se, pela banda da guarda republicana, a *Portuguêsa*.

O entusiasmo do auditorio excede tudo que possa descrever-se, ao descerrar dos retratos, e o sr. Magalhães Lima é, a cada momento interrompido no seu discurso, pelos freneticos aplausos que coroam a sua oração brilhante e sentida. O mesmo succede aos oradores que se lhe seguiram, srs. dr. Manuel de Arriaga, dr. José de Castro, Botto Machado, que produziram belos discursos, e ao 2.º tenente de marinha sr. José Carlos da Maia, que em nome da corporação a que pertence, lê um discurso exaltando a revolução que implantou a Republica em Portugal.

Falou ainda sobre as vantagens do registo civil e sr. dr. Peres Rodrigues, medico da armada.

No meio desta tocante manifestação popular de tão comovida e carinhosa homenagem, á memoria, já agora nunca esquecida dos grandes cidadãos que ali se comemorava, o sr. dr. Magalhães Lima

lembrou uma homenagem á França, ao grande povo que tem sempre caminhado na vanguarda de todos os progressos da humanidade, e que, naquella momento ali se encontrava representado por um filho illustre na pessoa do sr. dr. Alexandre Zaváes, notavel jornalista e parlamentar francês, que, num camarote, assistia áquella grandiosa assembléa.

As palavras do grande tribuno foram acolhidas com unanime aplauso, e, no meio de indiscreto entusiasmo, foram levantados vivas á França e saudado por toda a multidão o sr. dr. Alexandre Zaváes, tocando nesta ocasião a banda, a *Marselhesa*. O illustre hospede agradeceu a significativa saudação que ali era feita á França, e em nome do seu país e no seu, saudou tambem o povo português, num improviso, em francês, muito levantado e eloquente.

Por ultimo, o sr. dr. Magalhães Lima propõe uma aclamação ao governo provisório da Republica ali representado pelo sr. ministro da marinha. Não se fez esperar a aclamação unanime ao governo, que o sr. Azevedo Gomes agradece, e diz lamentar a perda dos dois illustres cidadãos, dr. Miguel Bombarda e Candido dos Reis, o primeiro o vencedor da reacção, o segundo o glorioso chefe da revolução, tão justamente glorificados pelo povo. Elogiou tambem a Associação do Registo Civil, pelo civismo com que propagou aquella lei preparando o povo para bem a receber, e assim o governo a decretar, como era seu proposito.

A sessão solemne da Associação do Registo Civil ficará bem na memoria do povo de Lisboa, como a de uma das manifestações mais calorosas e significativas ao novo regimen.



O CORPO DE MARINHEIROS QUE FEZ A GUARDA DE HONRA, NO COLISEU

Casa de Saude Portugal e Brazil

Estrada de Bemfica (Bairro Heredia)

Recebe doentes de medicina e cirurgia que se podem tratar com **medicos de sua escolha** e fazer-se acompanhar de pessoas de familia. Secção especial de **doenças nervosas**, dirigida pelo professor EGAS MONIZ.

Teleph. 65 (BEMFICA)

O director gerente: **Dr. Gomes de Amorim**

Vierling & C.^a

Abriram o seu estabelecimento

104, Rua dos Capellistas, 106

17, Rua Augusta, 19

Negociam em Cambios. Papéis de Credito, Coupons, Ordens de Bolsa e Loterias.

Telephone, 2873

Endereço. Fundos.

Atelier Photo-Chimi-Graphico

F. MARINHO & C.^a

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.



COUTO ALFAIATE

Novas installações d'este atelier

Este atelier que por muitos annos esteve na rua do Alecrim, está montado com todos os requisitos modernos, e sortido com as ultimas novidades de Paris e Londres.

RUA DO LORETO

Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º (á Praça Luiz de Camões) — LISBOA

TELEPHONE 1815



CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis